

Os sentidos de uma suposta identidade afro-descendente: a construção política de uma singularidade étnica

Autores

Telma Regina de Paula Souza

Apoio Financeiro

Fap

1. Introdução

Refletir sobre etnicidade com base na realidade brasileira implica em entrarmos em um universo complexo de significações sociais e sentidos pessoais que atravessam a formação da sociedade brasileira, idealizada e vivida. As teorias sócio-antropológicas e psicológicas apontam indicadores de análise que nos serviram como guias para a reflexão sobre os sentidos da identidade étnica na história e discursos dos indivíduos ouvidos em nossa pesquisa. A pesquisa inicia-se com um propósito político, a partir da demanda de um grupo de pessoas ligadas a uma universidade particular e confessional localizada no interior do estado de São Paulo (UNIMEP). Foi realizado o primeiro Censo Étnico-racial da UNIMEP, corroborando os dados nacionais da exclusão dos negros no ensino superior, em todos os seus segmentos, embora com diferenças entre eles (Souza, 2003). Os dados do Censo, além revelarem indicadores sócio-econômicos-educacionais, também indicaram ambigüidades em relação ao auto-reconhecimento étnico-racial. Seus resultados nos permitiram questionar os sentidos da identidade étnica, particularmente de uma suposta identidade afro-descendente. Buscamos responder a esse questionamento através de uma pesquisa qualitativa que foi realizada em duas fases. A primeira, financiada pelo FAP, trabalhou com os sentidos da identidade afro-descendente nos discursos dos que se reconheceram com negros e suas variações no Censo e comparou esses sentidos com os encontrados nos discursos de ativistas e ex-ativistas dos Movimentos Sociais Negros na cidade de Piracicaba. A segunda fase, ora apresentada, sem financiamento, trabalhou com os sentidos de uma suposta identidade afro-descendente nos discursos dos que se reconheceram como brancos no Censo da UNIMEP e nos discursos de ativistas do Centro de Direitos Humanos da cidade de Piracicaba. Considerando-se a totalidades dos discursos, buscamos comparar os discursos de negros e brancos acerca da identidade afro-descendente.

2. Objetivos

Compreensão dos sentidos de uma suposta identidade afro-descendente nos discursos de indivíduos que se reconheceram como brancos no primeiro censo étnico-racial da Unimep e nos discursos de ativistas em organizações sociais voltadas aos direitos humanos na cidade de Piracicaba; Análise comparativa entre os sentidos presentes nos discursos desses indivíduos com os sentidos analisados nos discursos dos que se reconheceram como negros no censo e dos ativistas em movimentos sociais negros na cidade de Piracicaba.

3. Desenvolvimento

Trabalhamos com uma metodologia qualitativa, visto que nos interessava compreender os sentidos de uma identidade étnica, e usamos como instrumento para coleta de dados a entrevista. Em relação aos sujeitos da comunidade acadêmica (alunos, funcionários e professores) brancos a entrevista foi dirigida, com questões que problematizaram o ser afro-descendente, a realidade do negro no Brasil, racismo e medidas para sua superação. Em relação aos sujeitos pertencentes ao Centro de Direitos Humanos de Piracicaba (CDHP) a entrevista foi semi-dirigida, e, além das questões abordadas com a comunidade acadêmica, trabalhamos

com questões acerca dos direitos humanos, do CDHP e sobre a história de vida dos sujeitos, especialmente história de participação social. Para a definição dos sujeitos, no caso da comunidade acadêmica, observamos a auto-identificação, disponibilidade e interesse para participar da pesquisa. No caso dos ativistas pelos direitos humanos, participantes do CDHP, após o esclarecimento sobre a pesquisa, iniciamos o recrutamento individual entre os pertencentes a diretoria e associados. Foram entrevistados 38 sujeitos: 23 da comunidade universitária (9 alunos, 7 funcionários e 7 professores) e 15 ativistas do CDHP. As entrevistas, respeitando-se a ética em pesquisa com seres humanos, foram audi-gravadas, transcritas e analisadas. As questões trabalhadas nos roteiros das entrevistas, nos dois casos, possibilitaram a produção de um discurso que articulou experiências vividas, informações conhecidas e interpretação da realidade. Neste sentido, tratamos o discurso enquanto um conhecimento da vida cotidiana e, como tal, permeado pelos valores presentes na cultura, que definem estereótipos e formas de ação. Enquanto conhecimento cotidiano é um produto cognitivo-afetivo, é uma prática que orienta o agir individual. Nos interessou entender qual é esse conhecimento e como esse se traduz em uma visão interpretativa da realidade, especialmente a realidade que cerca as questões identitárias relativas a uma particularidade que compreendemos ser uma construção social, ou seja, a raça e etnia como representações do outro não hegemônico. Nesta perspectiva, buscamos construir uma hermenêutica, uma interpretação das interpretações presentes nos discursos capturados nas entrevistas, através de unidades de significação construídas na fase anterior da pesquisa (Souza, 2004)

4. Resultados

A identidade étnica, segundo vários estudos, combina atributos biológicos e propriedades culturais (dimensão objetiva) e uma capacidade de perceber e de reconhecer pertencimento (dimensão subjetiva). A dimensão objetiva, porém, não implica na reposição estática de atributos biológicos ou de tradições sócio-culturais, uma vez que essas são constantemente re-significadas na dimensão simbólica. A dimensão subjetiva refere-se aos processos de identificação que definem a percepção e o reconhecimento do pertencimento e que, nas análises de Barth (1969, apud Oliveira, 1976), implica em tratar grupos étnicos como um tipo de organização social. Étnico é sempre aquele que não pertence a uma suposta comunidade de origem, aquela que tem ou busca a hegemonia valorativa para a ordenação de um espaço social. Tal pertencimento pode ser orientado por critérios objetivos ou subjetivos (o sentimento de pertencer) e determinaria uma identidade étnica. Alberto Melucci e Mario Diani (1983, p. 15-6), em seus estudos sobre os movimentos étnico-nacionais no Ocidente, distinguem alguns elementos constitutivos da etnicidade, que podemos observar nos discursos analisados: (i) A etnicidade se apresenta, antes de tudo, como uma dimensão natural-biológica, isto é, como um conjunto de fatores que se transmitem por via hereditária. (p.15). Grande parte dos sujeitos, nas duas fases da pesquisa, destaca a origem da família como critério para a definição de uma identidade étnica, quando envolve a auto-identificação. Para a identificação do outro, a cor da pele e os traços físicos é o critério mais identificado; (ii) Tendencialmente imputado é também o complexo das experiências ligadas à tradição histórica de um povo e a determinadas formas de expressões culturais. Neste aspecto, todos apontam as diferenças culturais como relevantes, porém dois sentidos podem ser analisados. Um em que são identificadas características no modo de ser consideradas como cultura negra, enquanto cultura africana, em que se destacam expressões corporais, associadas ao corpo que dança e ao corpo forte, e, entre os mais intelectualizados, é a relação do negro com a natureza, numa dimensão religiosa. Outro sentido, reconhece as características acima como formas de ser do ser brasileiro e não, necessariamente, relacionada ao ser africano, pois entendem que no Brasil construímos uma cultura singular através da miscigenação entre várias culturas. (iii). A especificidade de um grupo étnico se exprime ainda em um conjunto de estruturas e de práticas sociais distintas daquelas dos outros grupos. Neste aspecto, relacionado com o anterior, aparece uma representação acerca da dinâmica familiar, enquanto um branco (professor universitário) tem a idéia de que há maior respeito entre os membros das famílias de origem européia, o que não observa entre os negros, no discurso de um aluno negro (nascido e educado na África) aparece justamente uma idéia contrária a essa, pois em suas experiências no Brasil, observa que há pouco respeito dos filhos em relação aos pais, diferentemente do que ocorre na África. O mesmo branco referido acima ainda entende que os europeus são mais empreendedores que os africanos, entretanto relaciona isso a história de exploração vivida na África e dos africanos escravizados. (iv) Um grupo étnico pode em fim ser caracterizado pela presença de um difuso sentido de identificação entre os

seus membros. Os indivíduos se sentem ligados pelo comum pertencimento étnico e encontram no grupo o fundamento de sua identidade. O sentido de pertença se traduz no agir social e as condutas coletivas fazem referência a uma identidade comum. Esse aspecto é o mais relevante em nossa análise, o sentimento de identificação comum num suposto grupo étnico e a idéia de pertencimento que, por sua vez, só podemos entender através daqueles que podem ser identificados também pelo outro como um diferente, passível de classificação. Em todos os discursos, a identidade afro-descendente mais entendida como identidade negra, visto que alguns (brancos e negros) questionam o termo afro-descendente, pois não reconhecem elementos africanos no ser negro representa uma história de opressão em função da escravização dos negros no Brasil colonial, história esta que determina o racismo e desigualdades raciais no País. Entretanto, tal história, para os indivíduos que são ou foram ativistas em movimentos sociais negros (MSN), e alguns negros mais intelectualizados, representa uma história de lutas e resistência, enquanto para outros assume diferentes sentidos. Para a maioria dos brancos representa um determinante da defasagem dos negros em relação aos brancos, pois, na condição de exclusão, não tiveram (para alguns, ainda não têm) acesso a todos os direitos humanos, o que explica a desigualdade. Para os negros (sujeitos da comunidade universitária menos intelectualizados e ativistas do CDHP que se reconhecem como negros), é significativa a representação de vergonha dessa história, por isso ocultada nas famílias e dissimilada no cotidiano. Apenas dois brancos (uma funcionária e um ativista do CDHP) falam da vergonha por terem, enquanto brancos, escravizados os negros no passado e se sentem em dívida com eles. Para os que entendem a luta do negro por sua emancipação, no passado e no presente, especialmente aqueles relacionados aos MSN, a identidade negra representa fortemente uma identidade africana, mesmo que re-significada através da diáspora africana forçada. A África, nessa visão, representa uma comunidade imaginária, ou seja, um lugar comum, não de pertencimento, mas de unidade da diversidade do ser negro no Brasil, em função do gradiente cromático e das diferenças de oportunidades. Nos discursos dos brancos, a África é apenas um lugar de sofrimento, embora alguns destaquem suas belezas naturais e outros tenham interesses acadêmicos em relação a esse continente. Os brancos (como alguns negros) não relacionam, na atualidade, o ser negro ao ser afro-descendente e com isso a escravização do passado, embora explique o atraso e a baixa auto-estima do negro, já foi superada com a abolição, e as possibilidades, mesmo restritas, do negro construir sua igualdade se dá através da educação, através de seu esforço individual e ensino com qualidade. Outras medidas, como as Políticas de Ação Afirmativa, são polêmicas, especialmente em relação às quotas nas universidades, porém, mesmo com críticas e resistências, muitos entendem serem uma necessidade histórica.

5. Considerações Finais

Na medida em que o termo étnico sempre foi utilizado para designar as pessoas diferentes de nós mesmos e na medida em que somos todos diferentes de outras pessoas, somos todos étnicos. (Poutignat e Streiff-Fenart, 1995, p.23) Essa idéia, em que pese sua coerência, não se aplica aos discursos dos sujeitos dessa pesquisa. Enfocando particularmente os discursos dos que se reconhecem como brancos, observamos a predominância de uma ideologia igualitarista, que indica uma antiideologia étnica (Oliveira, 1976), pois supõe que o grupo ou a sociedade portadora dessa ideologia [igualitarista] não se assuma como uma etnia, uma vez que suas representações estariam moldadas por um padrão universalista, se assim podemos nos expressar. (pg. 71) O padrão universalista presente nos discursos dos brancos, como também aparece em discursos dos que se reconhecem como negros, está demarcado pela idéia de que todos somos iguais e somos brasileiros e ser brasileiro representa uma síntese de várias influências que sofremos em nossa história. Poucos reconhecem uma hegemonia européia na idealização do ser brasileiro e com isso as diferenças são compreendidas mais como expressões estéticas relacionadas ao corpo (cor, traços) e artísticas (culturais), embora essa última dependente da escolha do negro, pois ele pode não se identificar com tais expressões. Outras diferenças, como as sócio-econômicas, são associadas ao passado escravagista e as seqüelas que esse deixou, mantendo a inferiorização do negro tanto no olhar do branco como do próprio negro. No primeiro caso entendem que se trata do preconceito racial que os outros têm, mas que ele próprio não tem, ao menos no presente e de forma consciente. No segundo caso, da inferiorização entre os próprios negros, entendem que essa seqüela define a falta de esforço dos negros para se integrarem na sociedade, se acomodando numa condição de quase subordinação. Alguns brancos (poucos) reconhecem que na atualidade há uma revalorização do ser negro através de um resgate histórico

de sua diáspora. Essa revalorização, para alguns brancos (ativistas do CDHP, predominantemente), é um caminho necessário para o resgate da dignidade do negro e a superação de sua condição de opressão, para outros, representa o perigo do desenvolvimento de um etnocentrismo que coloque negros contra brancos e vice versa, por isso temem políticas como as quotas. Essas duas compreensões nos indicam um sentido político da identidade afro-descendente, que evidenciamos na análise de sujeitos com história de militância em MSN.

Referências Bibliográficas

MELUCCI, Alberto e DIANE, Mario Nazioni senza stato: I movimenti étnico-nazionali in Occidente. Milano: Feltrinelli, 1992 OLIVEIRA, Roberto C. de. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976 POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998 SOUZA, Telma R. de P. Censo Étnico-racial da Unimep: para uma política de reconhecimento identitário. Relatório de Pesquisa, Piracicaba/UNIMEP: 2003 _____ Racismos e anti-racismos no Brasil: revisitando histórias e realidades. Relatório de Pesquisa, Piracicaba/UNIMEP: 2004